



MAPA MENTAL E O ENSINO JURÍDICO: UMA FORMA VISUAL DE EFETIVAR O CONHECIMENTO CIENTÍFICO NO CURSO DE DIREITO

Letícia da Silva Almeida*
Sérgio Henriques Zandona Freitas**

RESUMO: O modelo de ensino atual não corresponde expectativas dos estudantes. Propõe-se este trabalho científico discorrer sobre atual cenário do ensino jurídico no Brasil à luz das doutrinas de ensino e a proposição de novas metodologias, pautadas numa nova retórica pedagógica, trazendo uma abordagem específica sobre o método dos mapas mentais. Para desenvolvimento deste estudo utilizou-se como referencial teórico as obras: “Use sua Mente: Como desenvolver o poder do seu cérebro” e “Mapas Mentais: Métodos criativos para estimular o raciocínio e usar ao máximo o potencial do seu cérebro”, do criador dos Mapas Mentais, Tony Buzan. Adotou-se o método científico hipotético-dedutivo.

PALAVRAS-CHAVE: Educação jurídica; Metodologias de ensino; Mapa mental; Inovação; Aprendizagem.

MENTAL MAP AND JURIDICAL EDUCATION: A VISUAL FORM OF EFFECTING SCIENTIFIC KNOWLEDGE IN THE COURSE OF LAW

ABSTRACT: The current teaching model does not match the students' expectations. It is proposed that this scientific work discuss the current scenario of legal education in Brazil in the light of teaching doctrines and the proposal of new methodologies, based on a new pedagogical rhetoric, bringing a specific approach on method of mental maps. For the development of this study, works were: “Use Your Mind: How to Develop the Power of Your Brain” and “Mind Maps: Creative Methods to Stimulate Thinking and

* Mestranda PPGD Universidade FUMEC. Pesquisadora ProPic 2015-2018 FUMEC. Associada do Instituto Mineiro de Direito Processual (IMDP). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2572470125751150>. E-mail: leticiaalmeida2613@gmail.com.

** Pós-Doutor em Direito UNISINOS. Pós-Doutorando em Direito Universidade de Coimbra. Professor Dr. PPGD Universidade FUMEC. Pesquisa resultado do Projeto ProPic 2017-2018 FUMEC. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2720114652322968>. E-mail: sergiohzhf@fumec.br. Agradecimentos: FAPEMIG, CNPq, FUNADESP, UNIVERSIDADE FUMEC, IMDP e CONPEDI. Pesquisa resultado de Projeto ProPic 2017-2018 Universidade FUMEC.





Make the Most of Your Brain's Potential” Creator of Mind Maps, Tony Buzan. The hypothetical-deductive scientific method was adopted.

KEY WORDS: Legal education; Teaching methodologies; Mental map; Innovation; Learning.

1 INTRODUÇÃO

Na sociedade contemporânea, na qual as gerações passam por constantes transformações sociais, econômicas e políticas, acompanhar toda essa transição exige da sociedade mudanças em padrões e valores tradicionais.

As metodologias de ensino, que ainda seguem o modelo tradicional, excessivamente formal e positivista, como é o ensino jurídico, completamente desconectado da realidade dos acadêmicos, já não mais atendem as reais necessidades desses alunos.

Diante dessa nova perspectiva, a sala de aula, não é mais o único lugar onde os discentes buscam informações, os livros físicos perde espaço para o digital, eles se rendem ao acesso a internet e a adaptação aos sistemas de Ensino a Distância (EAD), que são capazes de fornecer informações que anteriormente seriam passadas apenas por meio de diversas aulas expositivas em ambiente fechado e exclusivo, num modelo “arcaico” que utilizado de maneira isolada, já não demonstra efetividade. O afastamento parcial das práticas pedagógicas tradicionais é fundamental, a fim de recuperar o espaço perdido. O ensino que se deseja, deve ser atraente, estimulante, nutrir a autonomia e a criatividade dos discentes.

O objetivo da pesquisa é esclarecer sobre a necessidades de utilização de métodos alternativos que possam contribuir para o aperfeiçoamento no processo de construção da educação jurídica das Universidades brasileiras, com o propósito de ressignificar os interesses na relação aluno/professor, e inverter a situação de descontentamento da comunidade acadêmica jurídica.

Nesse contexto, o primeiro passo é rever a maneira de passar informações na sala de aula. Investir em novas metodologias de ensino para conseguir despertar e



estimular o interesse e atenção do discente para que estes permaneçam abertos a busca do conhecimento e aprendizagem.

Assim, o tema-problema da presente pesquisa envolve o ensino jurídico baseado em métodos tradicionais e puramente dogmáticos que já não atende aos anseios dos estudantes, sendo necessário que o professor repense o Direito e aplique novas metodologias. O Mapa mental é uma das técnicas que aplicadas ao ensino jurídico permite o melhor aproveitamento nos estudos.

Utilizar da diversidade de técnicas para orientar e despertar o engajamento do aluno, como a transdisciplinaridade que deixa de lado as fronteiras entre disciplinas, o estudo baseado na solução de problemas (PBL), a arte do Storytelling, os novos métodos avaliativos, as conexões mnemônicas com a utilização de símbolos, frases, associações exageradas, imaginação e emoção que ajudam a lembrar e memorizar de maneira mais fácil e agradável, assim como são os Mapas Mentais, que ganha foco nesta pesquisa.

Neste diapasão, será abordada com maior enfoque a técnica dos mapas mentais, um método inovador que utiliza como base o poder das imagens, símbolos, cores, curvas e palavras-chave e certamente contribui na atuação de professores e no resultado de aprendizagem dos alunos.

Para o desenvolvimento deste estudo utilizou-se como referencial teórico as obras: "Use sua Mente: Como desenvolver o poder do seu cérebro" e "Mapas Mentais: Métodos criativos para estimular o raciocínio e usar ao máximo o potencial do seu cérebro, do criador dos Mapas Mentais, Tony Buzan.

Adotou-se o método científico hipotético-dedutivo, por meio de revisão e de levantamento bibliográfico inerente a questão, de modo a induzir a reflexão e demonstrar a importância de se repensar metodologias inovadoras para a ciência do Direito, englobando todas as atuações que esta área permite, não se voltando apenas para uma sala de aula, mas também na atuação profissional de advogados, magistrados e tantos outros.

2 ENSINO JURÍDICO E A METODOLOGIA DE ENSINO



Falar da crise existente no ensino jurídico brasileiro já se tornou lugar comum para a comunidade acadêmica, não sendo isso mais nenhuma novidade.

As Universidades jurídicas no Brasil, em sua grande maioria desenvolvem um procedimento metodológico tradicional de repetição e memorização do conteúdo exposto pelo docente. Este modelo foi denominado por Paulo Freire de “educação bancária” em sua obra *Pedagogia do oprimido* (FREIRE, 1983). Tradicionalmente, seguindo essa linha, o docente, autoridade e sujeito ativo na relação pedagógica, “entrega” aos discentes, sujeitos passivo dessa relação, conceitos a serem exigidos em avaliações.

Historicamente, o Ensino jurídico no Brasil foi erguido a partir da concepção de um modelo liberal, e a partir de então o modelo de ensino se baseia num pensamento dogmático e conservador, com metodologias tradicionais, havendo pouca ou nenhuma evolução desse modelo pedagógico nos cursos jurídicos.

A principal falha dessa metodologias que impera nas Universidades jurídicas brasileiras, além, de não preparar o aluno para atuar em uma sociedade diversificada e que vive em constante mudanças, se desencadeia principalmente pela falha de não trabalhar o pensamento crítico e reflexivo do discente.

Os docentes “acabam sendo repetidores dos padrões existentes, mantendo em suas pesquisas e atividades didáticas o mesmo padrão” (SANTOS, 2008, p. 73). O professor deve ser um interlocutor na busca pelo conhecimento e não apenas um transmissor de informações, como ocorre nesse modelo tradicional.

Nesse sentido Rui Manuel de Figueiredo Marcos, esclarece que:

Depois de afirmar que a juridicidade não se reconduz à legalidade, propõe-se uma recompreensão da normatividade jurídica e uma revisão das suas fontes, com particular ênfase no reconhecimento da autonomia normativamente constitutiva da concreta decisão judicativa da realização o do Direito. É a estas luzes rútilas que se intentam pensar e resolver as questões jurídicas essenciais erguidas pelo tempo presente. (FIGUEIREDO MARCOS, 2016, 158-159).

As instituições de ensino superior devem buscar uma pedagogia que trabalhe as diversas metodologias contemporâneas de ensinagem, dentre elas o mapa mental, enquadrando-se no momento em que a sociedade acadêmica vive na atualidade, qual seja, maior exigência pela utilização de novos métodos atinentes à dinâmica da vida e das novas tecnologias. Pensar o Direito numa perspectiva menos formalista, refletindo sobre as necessidades de desenvolver um saber mais participativo e relacionado com as



metodologias e necessidades atuais, a fim de oferecer um ensino coerente e significativo.

Verifica-se que há uma urgente necessidade da ruptura do modelo cartesiano de ensino baseado em disciplinas exclusivas e singulares, por um modelo que leve em consideração as transformações pelas quais passa o mundo. Nesse sentido, considerando que a transformação é característica dessa época, não se pode pensar em continuar orientando os alunos da mesma maneira que ocorrera em outra época, como se fossem estáticos, imutáveis e infalíveis (FERREIRA, 2008, p. 276).

Toda essa estratégia de repensar o ensino de maneira não mais estagnada, deve aplicar-se sob fundamentos para que enseje mudanças reais na formação do discente, possibilitando que seja capaz de lidar com as necessidades da sociedade complexa. É necessário possibilitar articulações entre as diversas ciências através da transdisciplinaridade e de novas metodologias.

Cabe destacar que a “[...] inovação normalmente implica mudança, e esta geralmente significa incerteza. Seja por medo, insegurança, resistência, ou até por questões culturais, o ser humano muitas vezes se mostra refratário às inovações.” (GABRICH; BENEDITO, 2008, p. 08). A ciência do Direito deve buscar novas respostas para os novos conflitos que surgem em razão dessa dinâmica social e desse anseio de conhecimento cada vez maior da sociedade.

O grande desafio então está posto: os docentes precisam vencer o modelo que lhes foi ensinado, se adequando a outra época e outra geração, permitindo a participação ativa do discente, ensinando e provocando o pensamento criativo:

Diante de um mundo sócio-cultural em vibrátil mutação, que se afirma como horizonte de crise, coloca-se o entendimento do Direito como problema, interrogando-se o seu sentido, a sua função histórica no quadro do sistema global e, acima de tudo, o seu específico modelo metodológico. (FIGUEIREDO MARCOS, 2016, p. 156-157).

Atentando-se para a problemática do ensino jurídico, uma das alternativas como metodologias de ensino constitui-se no uso dos Mapas Mentais que já vem sendo utilizado na educação principalmente por desenvolver a liberdade do pensamento, criatividade e principalmente o pensamento radiante que se assemelha ao funcionamento do cérebro humano, facilitando o aprendizado de maneira mais instigante e prazerosa.



3 A RELAÇÃO DOS SENTIDOS COM A APRENDIZAGEM

O processo de aprendizagem é desenvolvido pelo ser humano de diversas maneiras. A mente humana é capaz de pensar, comunicar e aprender novas informações a todo momento. Todo esse processo é realizado através do cérebro, que é dividido em duas partes e conectado por uma ligação. “Esse órgão trabalha por meio dos sentidos, criando associações entre imagens, cores, palavras-chave e idéias.” (BUZAN, 2009, p. 25).

De acordo com este mesmo Autor, a chave para o funcionamento do cérebro é a imaginação e associação, que estão ligadas a toda atividade cerebral.

Desde o nascimento de uma pessoa, “os dois hemisférios começam a se especializar, dividindo as tarefas entre si.” (BUZAN, 2011, p. 30). E nesse sentido, Buzan continua:

Na maioria das pessoas, o cortex esquerdo lida com a lógica, palavras, listagens, números, linearidade, análise e ações do gênero – as atividades denominadas “acadêmicas”. Enquanto o cortex esquerdo está engajado nessas atividades, o direito está mais na “onda alfa”, ou estado de repouso, pronto para ajudar. O cortex direito lida com o ritmo, imaginação, cores, devaneios, percepção especial, *gestalt* (tendência auto-organizacional) e dimensões. (BUZAN, 2011, p. 30).

Assim, é indiscutível que o ser humano pode aprender de diversas maneiras. Alguns dizem ter facilidade nos estudos quando ouvem explicações e fazem anotações, outros são considerados visuais, preferem ler e ver imagens. De fato, as imagens desencadeiam uma função diferenciada no cérebro, proporciona impacto perceptivo, que faz a memória lembrar mais facilmente permitindo fazer conexões e consequentemente, resultando numa melhor compreensão.

De acordo com Buzan, a imaginação e associação são estimuladas respectivamente quando utilizamos: “os sentidos; Exagero; Ritmo e Movimentos; Cores; Humor; Figuras e Imagens. [...] Números; Palavras; Símbolos; Ordem; Padrões; Imagens” (BUZAN, 2009, p. 26).

Esta perspectiva é bem desenvolvida por Miguel Angel Perez Córrea, que explica:



Para lembrar tais conexões elas devem estar impregnadas de alguns elementos que nossa mente lembra com maior facilidade: IMAGEM, EMOÇÃO, NÓS MESMOS, DESPROPORÇÃO e SUBSTITUIÇÃO.

Imagens: são muito mais facilmente lembradas que conceitos e, quanto mais complete e detalhada a imagem, mais facilmente será lembrada.

Emoções: fatos que impressionam são lembrados mais facilmente, fazem nosso cérebro relacionar a imagem com uma série de fatos passadas e isso facilita tudo [...]. (CÓRREA, 2015, p. 26).

A utilização do cérebro como um todo implica no desenvolvimento das inteligências múltiplas, incluindo a criatividade, a inteligência sensorial, emocional, física, bem como a racional, numérica, escrita, verbal, dentre tantas outras que o órgão é capaz.

Nessa seara que se encontra respaldo para utilização do eficiente método dos mapas mentais, que estimula a aprendizagem ativa, a criatividade através da utilização de imagens, cores, formas, palavras-chave, permitindo utilizar as funções dos dois lados do cérebro, sendo que “essa ação irradiará conexões e remeterá a lembranças completas de informações combinadas” (BUZAN, 2009, p. 25), facilitando dessa maneira, a compreensão e fixação da temática trabalhada nos mapas.

Nesse sentido, Frederico de Andrade Gabrich e Luiza Machado Farhat Benedito ressaltam:

Não há, pois, que se falar na impossibilidade do ensino formal ocorrer no Direito ou em qualquer outra ciência, por meio da combinação de palavras e imagens (desenhos), de razão com emoção (afetividade). Ao contrário: o conhecimento humano acontece e é maximizado exatamente quando se obtém a combinação exata entre razão e sensibilidade, o justo meio entre o raciocínio lógico abstrato e a emoção da vida, da prática. Assim, não há como desconsiderar que o ser humano pensa, se comunica, ensina e aprende por meio da combinação entre imagens e palavras (GABRICH; BENEDITO, 2016, p. 67).

Assim, é notória a importância de estímulo dos sentidos, através das imagens, cores, texturas, movimentos, números, palavras-chave e todo meio de ideia criativa.

4 MAPAS MENTAIS

Tony Buzan, nascido no ano de 1942, é considerado o inventor dos Mapas Mentais, a revolucionária ferramenta sistematizada na década de 60 (FREITAS; BENEDITO; CARVALHO, 2016), já utilizada por mais de 250 milhões de pessoas para ajudar a libertar o potencial do cérebro. Ele é um escritor inglês, e já teve seus livros



traduzidos para mais de 30 idiomas. Atua como consultor de companhias multinacionais, além de dar conferências por todo o mundo e, lançar seu software – IMindMap - para a criação de mapas mentais.

Os mapas mentais são representações gráficas não-lineares de informações. Trata-se de uma ferramenta dinâmica que auxilia no planejamento, organização e melhor absorção de conhecimento, pode ser utilizada para inúmeras finalidades, são relevantes para memorizar, agrupar e ordenar ideias e informações, desde livros, roteiros, especificidades de uma reunião, bem como gerenciar a programação das tarefas diárias de maneira efetiva.

As ideias podem ser organizadas de diversas maneiras. A linear é a mais evidente e utilizada, no entanto, isso não significa ser a melhor. Embora exista a cultura no país, de utilizar, desde a infância quando se aprende a ler e escrever, a escrita de maneira linear através de frases ou listagens verticais, esse não se revela o melhor método.

A equivocada confiança de que a mente trabalha melhor de maneira linear se dá em razão dos dois maiores meios de comunicação utilizados pelos seres humanos, quais sejam, a fala e a escrita, nesse sentido, Tony Buzan dispõe que:

Na fala, só podemos dizer uma palavra por vez. Do mesmo modo, na comunicação escrita as palavras são apresentadas em linhas e sentenças, com começo, meio e fim. A ênfase na linearidade também está presente nas instituições de ensino e no trabalho, áreas em que a maioria das pessoas é estimulada a tomar notas em forma ou listas. A limitação dessa abordagem é que podemos demorar um bocado para chegar a essência do assunto em questão. E, durante esse processo, dizemos, ouvimos, lemos muita coisa que não são importantes a longo prazo.

As pesquisas mostram que o cérebro é um órgão multidimensional, capaz de absorver, interpretar e recuperar informações por meio de recursos que são muito mais sensíveis, criativos, multifacetados e instantâneo do que as palavras escritas e faladas (BUZAN, 2009, p.17-18).

Quando se estuda através de resumos, transcrevendo ou anotando o que se entende da leitura, perde-se muito tempo e aproveita-se pouco, pois o cérebro prefere palavras-chave e imagens para representar todo o contexto.

Exatamente essa é a proposta do mapa mental, que não parte de um ponto inicial e continua linearmente, mas sim, a partir de uma temática central, colocada em forma de desenho no centro de uma folha, a partir daí, surgem ramificações se expandindo de dentro para fora, as informações importantes são conectadas, a ideia central fica nítida



da maneira em que é colocada, permitindo a melhor compreensão e a visualização ampla.

5 MAPA MENTAL E O PENSAMENTO IRRADIANTE: O CÉREBRO HUMANO E A APRENDIZAGEM

Para entender os Mapas Mentais é necessário primeiro que se entenda como funciona o cérebro humano.

O cérebro é formado por bilhões de neurônios que se conectam como um sistema de rede e se encarregam de guardar as experiências da vida “por meio de conexões chamadas de sinapses”, é o que revela a psicóloga Maria Tereza Volpato, em entrevista concedida a Larissa Faria (FARIA, 2016, p. 15).

O cérebro não pensa de maneira linear e monótona, mas sim, em várias direções simultaneamente de maneira conectada/interligada, é o chamado pensamento irradiante.

Segundo Tony Buzan:

Como o termo sugere, os pensamentos se irradiam de dentro para fora, como os galhos de uma árvore, as nervuras de uma folha ou os vasos sanguíneos, que se propagam a partir do coração.

O cérebro tem a capacidade de criar uma infinidade de ideias, imagens e conceitos. Um mapa mental é projetado para trabalhar do mesmo modo que esse órgão e é uma representação, no papel, do Pensamento Radiante em ação. (BUZAN, 2009, p. 23).

No entanto, o fato de se utilizar a fala e escrita como principais formas de expressão e comunicação, é que surge a impressão equivocada de entender que é a maneira mais fácil para o cérebro absorver informações, mero engano. O cérebro prefere absorver o conhecimento quando se utiliza a criatividade, imagens, texturas, cores, as emoções e sentimentos.

Tony Buzan, esclarece que através de pesquisas ficou demonstrado que “[...] o cérebro é um órgão multidimensional, capaz de absorver, interpretar e recuperar informações por meio de recursos que são muito mais sensíveis, criativos, multifacetados e instantâneos do que as palavras escritas e faladas” (BUZAN, 2009, p.17).

Dessa maneira, o cérebro entende e aprende melhor quando a informação chega de maneira não linear.



Essa é a mesma lógica dos mapas mentais, e o quanto mais o modo de gravar informações for parecido com o funcionamento do cérebro, mais eficiente a memorização. “O mapa mental é desenhado como um neurônio e projetado para estimular o cérebro a trabalhar com mais rapidez e eficiência, empregando um método que ele já utiliza naturalmente” (BUZAN, 2009, p.10).

Tudo acontece em torno de uma imagem central que tem por objetivo representar uma ideia, uma temática ou um conceito:

O mapa mental oferece ao nosso cérebro uma ferramenta conveniente para o seu trabalho de transformar as peças do quebra-cabeça em em um quadro coerente, que é o assunto que está sendo aprendido. Ele dá um empurrão na tarefa de dar sentido a informações soltas (CASTRO, 2015, p. 75).

Como já dito, talvez seja nas salas de aulas que tal metodologia deva iniciar. É no bacharelado em Direito que a maioria das pessoas possuem um primeiro contato com o mundo jurídico, estando dispostas e abertas ao conhecimento e ao novo, sendo, portanto, mais fácil desprender da dogmática tradicional de ensino, o qual se busca uma domesticação e restrita proximidade entre aluno e professor.

O Direito não deve se resumir tão somente ao positivismo e legalidade exacerbada, mas, o Ensino Jurídico pode (e deve) ir além, utilizando das tantas e inovadoras metodologias, podendo tornar-se a ciência do conhecimento, do pensar e resolver as questões jurídicas através de histórias (Storytelling), da transdisciplinaridade que deixa de lado as fronteiras entre disciplinas, as conexões mnemônicas, a sala de aula invertida que desperta e incentiva a busca do conhecimento dos alunos, o estudo baseado na solução de problemas (casos) que problematizam e engaja o aluno a buscar a solução, os sistemas interativos de avaliação e jogos (gamificação) no ensino jurídico que traz a inovação e o desejo de aprender de maneira mais leve e dinâmica. São inúmeras as possibilidades de agregar conhecimento, interação e principalmente motivação nas salas de aula.

A sala de aula invertida, conciliada ao sistema dos mapas mentais, o ensino do Direito à distância, pelas plataformas EADs das instituições de ensino superior, as bibliotecas virtuais com livros ebooks (eletrônicos), além de outros métodos contemporâneos, apresentam-se como técnicas revolucionárias de ampliar, sistematizar, otimizar e efetivar a aquisição do conhecimento.



Trata-se de uma construção participada do conhecimento entre docentes e discentes. É trabalhar de forma motivacional, prática e simples, trazendo os alunos para dentro do conteúdo abordado de maneira dinâmica e prazerosa.

6 COMO ELABORAR UM MAPA MENTAL

A estrutura dos mapas mentais incentiva a mente a ser mais livre, permitindo a fácil memorização de todo conteúdo exposto a respeito da ideia trabalhada.

Na sua elaboração, ao contrário da redação de uma página, pode-se lidar com as ideias sem estar necessariamente intrincada com as outras, pode-se acrescentar informações ao longo do desenvolvimento dos mapas, bem como eliminá-las (ideias desnecessárias ou já fixadas).

O desenvolvimento de mapas mentais permite uma visão global da temática abordada.

Nesse sentido, Cláudio de Moura Castro diz:

Os mapas mentais nos ajudam a criar uma imagem que inclui tanto a “floresta” quanto as “árvores”, ou seja, mostram o quadro mais amplo e também os detalhes. Em outras palavras, com um só olhar, em uma única página, vislumbramos a organização global da ideia e os detalhes dos seus desdobramentos (CASTRO, 2015, p. 75).

E continua o mesmo Autor:

Olhando o mapa mental, começamos a entender o todo. Mas ao fazermos, nós mesmos, um mapa mental, a sua construção é a transformação progressiva de peças soltas em um todo coerente e lógico (CASTRO, 2015, p.75).

Sendo assim, importante acompanhar os seguintes passos para elaboração de um Mapa Mental, de acordo com orientações de Tony Buzan:

- 1 Delimitar claramente a temática central, ou seja, o propósito a ser alcançado com a sua elaboração;
- 2 Folha na horizontal (A3 ou A4 dependendo do tamanho do mapa), sem linhas nem quadrados;
- 3 Colocar imagem ao centro da folha para representar o objetivo, assim dá ao cérebro sensação de autonomia para expandir em todas as direções. A imagem



- ao centro como ponto de partida ajuda a impulsionar o pensamento e imaginação;
- 4 Importante maximizar a utilização das cores (com hidrocor, lapis de cor, dentre outros destaques) para dar ênfase, textura e estimular o fluxo visual;
 - 5 Ligar linhas grossas curvadas (serão os primeiros ramos, ou seja, ideias principais), conectadas à ideia central, em sequência radial, sentido horário, começar na posição do relógio na marcação de “13 horas”;
 - 6 Posicionar apenas uma palavra-chave sobre cada linha (ramo), mantendo a hierarquia lógica deles, o olho deve perceber que a palavra-chave seja o ramo, atentando para o fato de que a palavra deve ser do mesmo tamanho do ramo;
 - 7 Escrever em letra MAIÚSCULA, evitando abreviações (para facilitar o impacto perceptivo);
 - 8 Pode-se criar ainda ramos (galhos) de segundo e terceiro níveis, se necessário para os pensamentos relacionados, que se conectarão aos galhos primários e assim por diante;
 - 9 Escrever sempre “de cabeça para cima” e evitar de colocar os ramos em vertical (“efeito volante”);
 - 10 Deve-se trabalhar em duas fases: primeiro fazendo um rascunho rápido do mapa mental à lapis, útil para entender a disposição final (Fase 1), em seguida, para a segunda fase fazer o mapa definitivo em uma nova página, utilizando as cores somente nesta fase (Fase 2);
 - 11 Deve-se equilibrar a utilização do espaço (na Fase 2), deixando espaço livre entre os ramos e utilizar diferentes tamanhos de letra para determinar a hierarquia das informações;
 - 12 Utilizar o visual ao máximo, muitas imagens, ícones criativos, flechas e os clichês pessoais (pode ser utilizado uma mesma imagem ao longo do mapa para representar ideia idêntica).

Lembrando sempre que na prática os erros são o percurso necessário para melhorar nos mapas mentais, “começamos tateando, na busca dos pilares dessa ideia central. Aos poucos, a espinha dorsal começa a se delinear, formando contornos claros”



(CASTRO, 2015, p. 141). E assim, a missão que parecia inexorável e impossível vai se tornando um conjunto muito mais compreensível e prazeroso ao cérebro.

Importante destacar, que Mapas Mentais não devem ser confundidos com esquemas ou resumos. Ao desenvolver Mapas Mentais deve ser observada toda essa estrutura já mencionada, respeitando principalmente o modelo de funcionamento similar do cérebro, que funciona de maneira radiante e através de conexões. Não é agradável ao cérebro a utilização de muitas palavras (resumos), linhas retas e lineares (e sim curvadas), como muitas pessoas disseminam (inclusive autores de livros e sites) por (provavelmente) não terem o pleno conhecimento do que é o Mapa Mental.

7 DIVERSIDADE NA UTILIZAÇÃO DOS MAPAS MENTAIS NO DIREITO

Não há dúvida de que os mapas mentais podem (e devem) ser utilizados na sala de aula pelo docente, no desenvolvimento do conteúdo, para facilitar a melhor compreensão e assim, favorecer a ligação do raciocínio lógico e emocional do discente, despertando maior interesse da comunidade acadêmica (ALMEIDA; CASTRO; FREITAS, 2017). O docente também deve orientar e estimular o aluno a utilizar os Mapas Mentais em seus estudos individuais, ao invés de recorrer aos resumos comuns.

Os Mapas Mentais têm sido comumente utilizado por pessoas que almejam resultado positivo em concursos públicos, já que essa ferramenta possibilita uma visão geral do conteúdo estudado, necessitando, assim, quantidade de tempo consideravelmente menor em relação a utilização de resumos, além de outros benefícios já mencionados nesta pesquisa. Além disso, os mapas mentais também podem ser utilizados em escritórios de advocacia, por profissionais do Direito. Os advogados podem fazer mapas mentais para esboçar a situação do seu cliente, além de não perder o domínio dos acontecimentos, possibilitando visão global do problema ao encontrar a melhor estratégia para a solução mais viável, econômica e menos desgastante na defesa do seu cliente.

Mapas Mentais podem também ser utilizados em reuniões, palestras, organização de apresentações ou aulas. Tony Buzan diz que a vantagem “é que o Mapa Mental dá ao professor ou ao palestrante uma visão geral de todo o assunto a ser abordado” (BUZAN, 2009, p. 77).



Assim, “realizar uma apresentação oral usando como recurso um Mapa Mental, e não anotações lineares, também deixa a pessoa livre para falar com mais fluência, utilizando seu próprio conhecimento” (BUZAN, 2009, p. 77).

Percebe-se então, que são inúmeras as utilidades dos Mapas Mentais na atuação pessoal, para as questões do dia a dia, e também nas atividades de estudo e profissionais, com ganhos na eficiência dos resultados.

8 CONCLUSÃO

Em geral, o Ensino Jurídico ainda tem sido ministrado seguindo o tradicional modelo de educação. Somente através de mudanças na mentalidade atual dos atores envolvidos na educação jurídica que esta realidade pode ser alterada, abandonando o modelo de “ensino bancário”, em que o docente apenas deposita informações enquanto que o aluno repete – ensinar com paixão e criatividade colocando as pessoas no centro do processo didático é o caminho para um resultado pelo menos mais proveitoso na relação de ensino-aprendizagem.

Ao contrario do que os docentes tradicionais imaginam, o acesso ao saber e a construção da memória se dá especialmente através da efetividade, é o que restou demonstrado ao longo do texto.

Neste diapasão, o presente estudo dedicou-se de maneira breve, a questionar o arcaico método de ensino tradicional, pouco eficiente, bem como discorrer sobre a ascensão da ciência jurídica através de metodologias contemporâneas que devem ser desenvolvidas no âmbito acadêmico.

O ensino decorrente de metodologias inovadoras, como são os Mapas Mentais, é importante para a eficiência do ensino/aprendizagem colaborando para uma formação adequada com reflexão crítica, interativa e participada entre discentes e docentes.

É importante que o docente de hoje acompanhe as mudanças sociais e comportamentais de seus alunos, que sofrem fortes influências do mundo globalizado. O ensino do Direito deve despertar o desejo pelo saber (sem tédio), através de estratégias e recursos visuais, sonoros, e toda maneira de criatividade e emoção.



E isso, sem sombra de dúvidas passa pela renovação e utilização das diversas e inovadoras metodologias, incluindo o modo dinâmico, criativo, divertido e não linear dos Mapas Mentais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Letícia da Silva; CASTRO, Raquel Carvalho Menezes de; FREITAS, Sérgio Henrique Zandona. **Ensino jurídico e mapa mental** (Pôster Aprovado – CONPEDI Brasília 2017). Linha de Pesquisa: Pesquisa e Educação Jurídica. Florianópolis: CONPEDI, 2017.

BUZAN, Tony. **Mapas Mentais e sua elaboração**: um sistema definitivo de pensamento que transformará a sua vida. São Paulo: Cultrix, 2005.

BUZAN, Tony. **Mapas Mentais**: Métodos criativos para estimular o raciocínio e usar ao máximo o potencial do seu cérebro. Rio de Janeiro: Sextante, 2009.

BUZAN, Tony. **Use sua Mente**: Como desenvolver o poder do seu cérebro. São Paulo: Integrare, 2011.

CASTRO, Claudio de Moura. **Você sabe estudar?** Quem sabe, estuda menos e aprende mais. Porto Alegre: Penso, 2015.

CÔRREA, Miguel Angel Perez. **Mnemônica**. São Paulo: B4, 2015.

ENGELMANN, Wilson. O ensino jurídico e os reflexos provocados pela globalização: a transdisciplinaridade como uma alternativa possível. **Estudos Jurídicos**, São Leopoldo: Unisinos, v. 36, n. 96, 2003.

ENGELMANN, Wilson; BELLO, Enzo (Org.). **Metodologia da Pesquisa em Direito**. Caxias do Sul: Educs, 2015.





FARIA, Larissa. Você é o que sua memória faz: a capacidade de arquivar e esquecer informações também influencia sua criatividade. *In*: PICCINATO, Ricardo (Org.). **Segredos da Mente: Supermemória**. Bauru: Alto Astral, 2016.

FERREIRA, Maria Elisa de Mattos *et al.* **Universidade, cultura e transdisciplinaridade: educação e transdisciplinaridade III**. 2. ed. São Paulo: Triom, 2008.

FIGUEIREDO MARCOS, Rui Manuel de. **A Faculdade de Direito de Coimbra em Retrospectiva**. Portugal: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREITAS, Sérgio Henriques Zandona; BENEDITO, Luiza Machado Farhat; CARVALHO, Luisa Mendonça Albergaria De. A técnica dos mapas mentais como fonte metodológica inovadora no ensino jurídico brasileiro. **Seminário Nacional de Formação de Pesquisadores e Iniciação Científica em Direito da FEPODI** [Recurso eletrônico on-line] organização Federação Nacional dos Pós-Graduandos em Direito – FEPODI. Disponível em: <<https://www.conpedi.org.br/publicacoes/4b3e15ku/bloco-unico/qm2HW84ZHNIRwOnH.pdf>>. Acesso em: 08 jul. 2017.

GABRICH, Frederico de Andrade; BENEDITO, Luiza Machado Farhat. Ensino Jurídico por Meio de Imagens. **Revista Brasileira de Educação e Cultura**. Centro de Ensino Superior de São Gotardo. n. XIV. Jul.-Dez. 2016, p. 61-81. Disponível em: <<file:///Users/sergiohenriqueszandonafreitas/Downloads/262-1068-1-PB.pdf>>. Acesso em: 08 jul. 2017.

GABRICH, Frederico de Andrade; BENEDITO, Luiza Machado Farhat. Mapa Mental no Ensino Jurídico. **Anais do V Congresso Internacional do CONPEDI – Conselho Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Direito**. 2016.





PICCINATO, Ricardo (Org.). **Segredos da Mente**: Supermemória. Bauru: Alto Astral, 2016.

PICCINATO, Ricardo (Org.). **Segredos da Mente**: Superinteligência. São Paulo: Alto Astral, 2016.

ROCHA, Leonel Severo; COSTA, Bárbara Silva. Ensino do Direito e Percepções Discentes. *In*: SILVEIRA, Vladimir Oliveira da; SANCHES, Samyra Haydêe Dal Farra Napolini; COUTO, Mônica Bonetti (Org.). **Educação jurídica**. São Paulo: Saraiva, 2013.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para uma revolução democrática da justiça**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.